

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFLCH- FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Nedir Fernandes de Almeida

**SALAS AMBIENTE
COMO ESTRATÉGIA
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

versão corrigida

São Paulo, 2017

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFLCH- FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**SALAS AMBIENTE
COMO ESTRATÉGIA
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

versão corrigida

Nedir Fernandes de Almeida

Tese apresentada por Nedir Fernandes de Almeida ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Glória da Anunciação Alves como requisito à obtenção do título de Doutor em Geografia

São Paulo, 2017

5 - As salas ambiente: uma experiência que alivia o corpo e a mente num ambiente de confinamento

5.1 - As salas ambiente

As recentes ocupações das escolas públicas paulistas revelaram um inequívoco questionamento do espaço escolar quanto à sua gestão, sua estruturação física e seus saberes, por exemplo. Nesse contexto a adoção de salas ambiente pode contribuir para a solução de muitos impasses e conflitos enfrentados atualmente pelas escolas. As salas ambiente se apresentam como possibilidade de distensionamento num determinado espaço escolar, geralmente confinado, ou seja, podem possibilitar uma ampliação dos horizontes de aprendizado em que, literalmente, o corpo discente, enquanto conjunto de corpos e mentes, pode apropriar-se mais amplamente do ambiente escolar como um todo, facilitando o ensino-aprendizagem.

Primeiramente, é preciso considerar que a existência de salas ambiente não é o elixir que cura todos os males da Escola pública tendo em vista que diversos fatores influenciam na construção de uma escola de qualidade e cidadã e, também que a existência de salas ambiente não é uma prescrição que pode ser aplicada em toda e qualquer comunidade escolar. Este é um estudo específico que pode servir como contribuição para práticas pedagógicas em escolas não pré-determinadas. Por exemplo, uma das condições elementares para a sua adoção é a existência de um número suficiente de salas na escola que comportem atividades pedagógicas de todas as disciplinas. Também há de se considerar as desigualdades regionais existentes no país. Enquanto numas regiões se discute a adoção de lousas digitais em algumas escolas (principalmente no sul do país), em outras solicita-se lousas em melhores condições. Há de se considerar aspectos específicos de cada escola, que possuem ritmos, condições ambientais, aspirações e desenvolvimento diferenciados. É sempre necessário observar essa especificidade do lugar ao propor novas metodologias e novas ações pedagógicas.

Justificando a implantação de salas ambiente em um colégio do Mato Grosso⁵⁰, o professor Venilto Rocha de Oliveira⁵¹, observa:

Quando se observa o homem em movimento pelo ambiente em que vive é notório o fato de que ele sempre procura moldar esse ambiente de acordo com suas necessidades pessoais, levando em conta principalmente o conforto e o bem estar. Basta andar pela rua, observar as casas, suas formas arquitetônicas e sua distribuição interna para perceber como cada um constrói e organiza o espaço seguindo gostos peculiares, às vezes próximos, porém na maioria das vezes bem diferentes uns dos outros. E quando se compara a organização humana no decorrer dos séculos é fácil perceber que os tempos e as circunstâncias exercem uma força muito grande levando o homem a se adaptar constantemente a fim de satisfazer suas necessidades primárias e secundárias.

e mais à frente acrescenta:

é apenas dos homens a capacidade de modificar o ambiente para adaptá-lo conforme sua necessidade. Negar ao homem a possibilidade de escolher e de modificar o ambiente em que vive significa elevá-lo à condição de um ser irracional, que simplesmente passa pela vida, sem sonhos, sem conquistas, sem a alegria de ousar e de viver.

São propostos inúmeros planos políticos pedagógicos em escolas, porém tarefas e atividades inovadoras exigem contextos físicos adequados e muitas vezes acabamos delegando principalmente aos professores a implementação de planos políticos pedagógicos inovadores, deixando de lado a estruturação física do espaço escolar. Esse pretendo discurso inovador é barrado, na prática, na sala de aula que permanece como há anos atrás a giz, lousa e discurso. Não que não possa ser interessante ter aulas a base de giz e lousa. O problema é se limitar a isso.

Comparando a sala de aula à nossa casa, o professor OLIVEIRA escreve:

Imagine-se no entanto, a mudança para uma casa com tudo arrumado antes que nada pode ser tirado do lugar.

⁵⁰ Como justificativa para implantar salas ambiente nesse colégio adventista no Mato Grosso foi tomado como referência à melhoria na qualidade do ensino observada em escolas públicas no Estado de São Paulo que tiveram as salas ambiente.

⁵¹ <http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html>, acessado em 01/08/2016.

Não dá pra se viver assim, é preciso reorganizar as coisas e fazer com que fiquem conforme o jeito que se quer, de uma forma que se adapte à maneira pessoal de ser. E de acordo com o objetivo ou a necessidade que se tem, as coisas à volta são dispostas. Escolhe-se uma ou outra disposição do ambiente de acordo com os objetivos que se quer alcançar.

Se o objetivo é descansar numa rede então se coloca nas paredes da varanda dois suportes e a pendura ali, quando decora a casa. Contudo num dia de frio é preciso aquecer o corpo ao sol, porém não se compra outra rede para isso, mas amarra-se a mesma rede em duas árvores no quintal para se ficar ao sol. É assim que funciona na casa, no lazer e no trabalho.

Na escola, o princípio é o mesmo.

Parece evidente que é o espaço escolar que deve ser modificado para se adaptar às novas estratégias de ensino-aprendizado e não o contrário. A vida cotidiana nas escolas deve estar sempre aberta ao imprevisto, ao surpreendente, à criação. Isso se torna possível com salas ambiente e faz-nos lembrar LEFEBVRE (1975:215) quando ele diz que

deve-se determinar seus pontos críticos de crise, de transformação em outra coisa; deve-se captar o ponto e o instante em que uma ação suplementar relativamente fraca pode produzir o resultado decisivo (1975, p.215).

Na mobilidade e no fluxo de ideias e pessoas, proporcionados pela prática de salas ambiente pode se apresentar um campo aberto para sinapses. Práticas socioespaciais consideradas “pequenas”, tais como recepcionar os alunos assim que entram em sala podem gerar resultados surpreendentes como o crescimento do respeito e da afetividade entre docentes/discentes. Gentileza gera gentileza. Pequenos gestos podem encadear surpreendentes aprendizagens no cotidiano escolar.

Estudar salas ambiente é também estudar a produção do espaço escolar, o que o torna necessário e urgente para avançarmos no ensino-aprendizado nas escolas do nosso país. Essa produção do espaço escolar significa conhecimento do lugar que a escola ocupa no seu bairro ou em sua comunidade, suas características socioeconômicas, suas principais carências e

qualidades. Também implica conhecer as principais características psico sociais e culturais dos seus alunos.

Essa preocupação de estudar espaços geográficos específicos encontramos nos escritos de FOUCAULT (1998:212):

seria preciso fazer uma "história dos espaços" – que seria ao mesmo tempo uma "história dos poderes" – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até das pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas instituições econômicas-políticas. É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político: ou o espaço era remetido à "natureza" – ao dado, às determinações primeiras, à geografia física" ou seja, a um tipo de camada "pré-histórica", ou era concebido como local de residência ou de expansão de um povo, de uma cultura, de uma língua ou de um Estado.

Nas ocupações estudantis, não faltaram críticas quanto à estruturação física das escolas, tais como a sua alegada proteção por trancas e cadeados, suas salas inacessíveis, o estado precário das suas instalações. Vimos frequentemente nas mídias sociais alunos arrumando bibliotecas, instalações elétricas, equipamentos dos banheiros, fazendo jardinagem e faxina. Por meio dessas ações eles produziam uma crítica ao espaço escolar.

Percebe-se que a geografia também pode contribuir para a análise desses espaços, tão necessária na contemporaneidade. Nesses espaços geográficos de confinamento, ordens institucionais tentam moldá-los por meio de normas e regimentos. Mesmo quando essas normatizações são passageiras e circunstanciais, ligadas às mudanças de governantes (existem diferenças entre eles, mesmo pertencendo a um mesmo partido político) elas se afirmam como nocivas a educação pública pois descontinuidades administrativas e pedagógicas podem desconstruir ou desorientar Planos Políticos Pedagógicos nas escolas. Como exemplo, podemos constatar a alta rotatividades nas direções das escolas públicas paulistas, sempre comprometidas com as normas e ordens superiores, mesmo que sejam irrealizáveis e contraditórias. Ora se promete implementar o programa Escola da Família em escolas, outras

vezes não. Ora se pretende informatizar todas as salas de aula, as chamadas salas digitais, ora se esquece desse plano. Ora se implementa salas ambiente, ora são desfeitas. Essa descontinuidade de ações pedagógicas e administrativas fragiliza a escola pública, o que facilita a sentido geral dos planos neoliberais privatizantes.

No entanto, mesmo quando passageiras, essas normatizações se apresentam no cotidiano como contínuas vindas de um poder superior “intocável”. Nesse sentido explica FOUCAULT(1998:214):

Ora, as mudanças econômicas do século XVIII tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só.

Essa circulação dos efeitos do poder é ampliada na medida em que avança a divisão social do trabalho e com ela, as especializações e as visões tecnicistas que dificultam a visão do todo e a crítica social. Avançam assim as diversas formas de alienação, inclusive as espaciais. Esse poder alienante que controla escolas, cego quanto à realidade socioespacial das mesmas, organiza o espaço escolar visando objetivos econômicos e políticos e aí também podemos observar a materialidade desse exercício de poder. A chamada reorganização escolar no estado de São Paulo é um exemplo disso: um plano mirabolante que se chocou com a lógica da vida cotidiana das pessoas. Uma proposta de desorganização social e escolar.

Descontinuidades administrativas, normas burocráticas que não se explicam; pequenos poderes pessoais que parecem expandir-se quando assumem posições hierárquicas de comando e descaso com o patrimônio público são exemplos de práticas escolares condenáveis, por exemplo. Nas recentes ocupações das escolas públicas paulistas um dos fatos que mais chocaram a opinião pública foi a estado de abandono e descaso em que se encontravam diversas escolas. Salas sem portas, sem ventilação e sem pintura. Bibliotecas abandonadas, merenda em estado precário de armazenamento e muita sujeira.

Essas sutilezas presentes no exercício de poder, nesses espaços concebidos, parecem potencializar forças retrógradas que reforçam ações de manutenção do atual estado das coisas nas escolas, sem mudanças. Assim, na vida cotidiana, confunde-se autoridade com autoritarismo, democracia com imposição.

Além disso, nas nossas escolas costuma-se separar mente e corpo, delegando a questão do corpo quase que exclusivamente aos professores de educação física. Parece que os alunos possuem corpos iguais e vazios a serem ordenados e preenchido pela escola. E, infelizmente, nem sempre a formação dos professores de educação física engloba o exercício das ligações entre o corpo e a mente.

Experiência marcante com salas ambiente ocorreu na década de 1960 em escolas públicas na cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior paulista nas chamadas Escolas Vocacionais. Essas escolas foram criadas por meio da Lei Estadual do Ensino Industrial - Lei número 6.052/61⁵², como exigência de adaptação à reforma no âmbito federal - Lei 3.552/59⁵³. Segundo TAMBERLINI (2005:18):

No sentido estrito da lei, a nova modalidade de educação implantada, que nascera com a intenção de se expandir na rede pública estadual em todas as regiões do estado de São Paulo, também como polos de capacitação docente, talvez viesse a ser mais uma proposta tecnicista de ensino. O projeto, porém, de forte inspiração no novo humanismo, centrado no homem concreto, volta-se ao homem brasileiro e contempla a formação integral do educando, o seu autoconhecimento e a descoberta da vocação,⁵⁴ entendida em seu sentido mais amplo como a pessoa que se realiza no mundo em suas relações socioculturais - hoje diríamos uma construção sócio-histórica -, tendo no trabalho, como um fazer e um fazer-se, um princípio mediador.

⁵² <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1961/lei-6052-03.02.1961.html>, acessado em 07/07/2016.

⁵³ <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109459/lei-3552-59>, acessado em 07/08/2016.

⁵⁴ A noção de vocação no Ensino Vocacional tem forte influência do Humanismo Integral de Emanuel Mounier, como a vocação de ser homem que personaliza suas ações, através de um processo permanente de opções.

Como podemos observar, a existência das escolas vocacionais foi muito além de um ensino tecnicista, preparando seus alunos para ações autônomas do fazer e fazer-se. Essa experiência pedagógica que usava o "estudo do meio" como polo gerador do currículo e fazia estudos ligados à "vida concreta" no ambiente escolar foi banida pela ditadura cívico-militar, principalmente após a edição do Ato Institucional número 5⁵⁵ pelos militares.

Nessas escolas, usavam-se metodologias pedagógicas estreitamente ligadas à realidade brasileira que visavam uma inclusão não perversa de diferentes classes sociais a uma educação de qualidade e se contrapunham, na época, à então existente escola pública de elite. Não copiavam metodologias alienígenas e baseavam-se no princípio de que toda criança é capaz de aprender. Nelas também havia a ideia de que uma educação permanente seria um processo de progresso infinito em direção a um humanismo que almeja o progresso da humanidade. Também privilegiavam o contato com as famílias dos educandos, a comunidade onde a escola estava inserida e o conhecimento da realidade tendo o presente como ponto de partida. Nelas, havia um processo de reavaliações das suas práticas, com reuniões constantes entre membros da comunidade escolar, envolvendo sempre ações de planejamento. Um fato significativo ocorrido durante a ocupação das escolas foi a participação significativa de familiares dos estudantes nas ocupações, o que revela uma certa distância existente atualmente entre familiares de alunos e escolas no seu dia a dia.

O currículo nas escolas vocacionais segundo TAMBERLINI (2005:41):

... abrangia áreas de conhecimentos intelectuais, práticas educativas e áreas técnicas, traduzia uma visão de mundo e uma concepção do homem que se pretendia formar. Procurava lidar com um o homem inteiro: com a sua razão, a sua emoção e a sua imaginação, visando não só à educação e à realização profissional, mas à formação do pensamento crítico, à inserção social consciente, à transmissão de valores e à defesa da cidadania.

⁵⁵ O Ato Institucional número 5, AI 5, foi baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva. Favoreceu uma série de ações arbitrárias com efeitos duradouros durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985)..

Além desse currículo de formação cidadã, havia associação de pais, professores, funcionários e membros da comunidade que formavam as Sociedades de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais, legalmente constituídas e que representavam uma participação concreta da sociedade civil nessas escolas, mantendo inclusive sua autonomia em relação ao Estado.

Nessas escolas se aprendia a pensar e a fazer com a prática de salas ambiente, prática essa que pode ser projetada para o futuro em busca de um ensino de qualidade. ROVAI (2005:186), brilhantemente e precisamente, escreve sobre elas pensando sobre uma possível nova escola:

Por isso, essa nova escola necessita ter um novo perfil que ultrapasse a visão de salas de aula com quadro-negro, professor falando e alunos sentados nas carteiras ouvindo: salas ambientes versáteis que, atendendo a projetos significativos, ofereçam oportunidades para os alunos desenvolverem conceitos, habilidades, hábitos e atitudes - e valores - para o trabalho, de modo contextualizado. (Esse é o caminho para a construção de competências.) Para isso, não podem constituir caricaturas grosseiras do que sejam salas ambientes, como tive oportunidade de conhecer numa escola pública, recentemente: uma sala ambiente de educação artística - assim estava escrito na porta de entrada - com vários desenhos pendurados nas paredes, mas os alunos sentados em fila indiana, copiando o ponto sobre arte indígena que a professora colocara na lousa.

É necessário alertar que a prática de salas ambiente pode fazer surgir simulacros desse modelo, que pouco têm de criativo, prazeroso, lúdico ou reflexivo. Não basta encher uma sala com cartazes de uma determinada disciplina e escrever em sua porta "sala ambiente" ROVAI (2005:186), pois elas implicam em conteúdos pedagógicos que vão muito além disso,

Ela precisa ser um ambiente criativo, que saiba aproveitar muito bem outros espaços internos, como o laboratório de ciências, para que deixe de ser um mero depósito, (como ocorre em algumas escolas), o laboratório de informática, a cozinha, a biblioteca (inativa), as quadras esportivas e as áreas destinadas à recreação, que podem também ser transformados em espaços culturais. E que saiba aproveitar também os espaços da comunidade: os seus instrumentos culturais, profissionais, esportivos, de lazer,

etc., inclusive para desenvolver projetos que contribuam para a solução de pequenos problemas da comunidade. Hoje, com muito mais facilidade do que nos anos 1960, a escola poder recorrer às parcerias para levar avante projetos pedagógicos ousados. Nos ginásios vocacionais, a Sociedade de Amigos dos Ginásios, em vez de Associação de Pais e Mestres, pela adesão dos pais à proposta pedagógica, conseguia da comunidade outros parceiros para a concretização de suas iniciativas. O que é preciso? Um projeto pedagógico que ganhe o reconhecimento, não apenas da família, como também dos membros e instituições da comunidade.

Uma das demonstrações de que a escola pública poderia estar muito mais integrada com a comunidade, diversificando o seu currículo e se aproximando muito mais da comunidade em seu entorno foi a intensa procura de pessoas da comunidade para oferecer oficinas, cursos e palestras durante as recentes ocupações das escolas públicas paulistas.

Ficou evidente uma certa ansiedade de muitas pessoas da comunidade em participar de atividades das escolas, ou seja, um anseio por uma escola mais aberta. Os alunos chegaram a pleitear que os dias de ocupação das escolas fossem considerados dias letivos em função das aulas recebidas por professores voluntários. Esse pleito seria formalizado pelo advogado Daniel Biral, membro do Coletivo Advogados Ativistas. Segundo ele, estava sendo elaborada uma planilha com cinco mil profissionais que dariam aulas nessas escolas.

Na Escola Brigadeiro Gavião Peixoto, em Perus, ocorreram essas aulas com professores voluntários de escolas públicas e particulares. Segundo Juliana Oliveira⁵⁶, estudante do Ensino Médio:

A gente já teve aula de história, uma professora veio aqui e deu aula especial sobre o que está acontecendo na Palestina, é algo bem legal. A gente não está desocupado. Estamos tendo aulas, palestras e estamos ganhando mais conhecimento do que antes, porque era comum faltar professor.

⁵⁶ <http://jornalbrasil.com.br/noticia/alunos-de-escolas-ocupadas-querem-usar-aula-voluntaria-para-abonar-dias-letivos.html>, acessado em 01/12/2015.

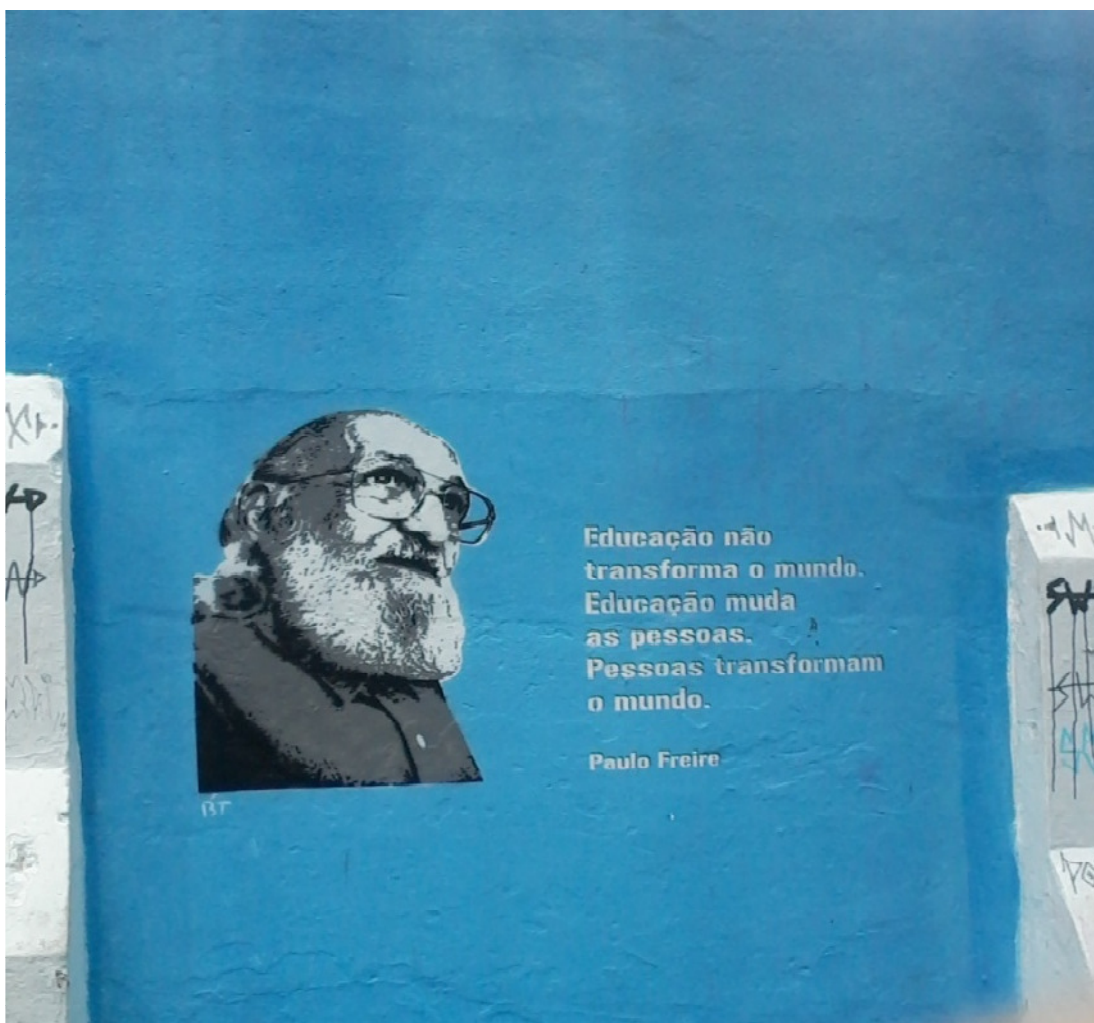


Figura 26 : Arte feita no interior de uma escola durante ocupações estudantis. "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo " Paulo Freire. Foto do autor.2015.

A existência de salas ambiente pode facilitar essas práticas multidisciplinares pois pode oferecer condições materiais para oficinas, cursos, etc. Segundo o professor Venilto Rocha de Oliveira⁵⁷

O professor controla meios, processos e didática, e quer produzir um debate ou discussão onde ver, ouvir o outro e o todo do grupo é fundamental, então ele organiza a classe com alunos e carteiras em círculo. Num outro momento, se ele tem uma atividade onde as tarefas propostas e as conversas em grupo vão enriquecer o processo para um tal objetivo almejado ser alcançado, então se coloca as carteiras em grupos de alunos. Mas se naquele dia ele quer apenas introduzir um conceito

⁵⁷ <http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html>, acessado em 01/08/2016.

pontual novo, expor uma ideia curta ou fechar uma discussão ou atividade anterior, muda o layout para o sistema de fileiras de carteiras porque assim todos na sala se alinham de frente para ele, para o quadro negro, vídeo ou projeção, sem que um atrapalhe a visão do outro.

A versatilidade que pode-se dar a uma sala de aula pode proporcionar um ambiente mais agradável a professores e alunos além de facilitar que o aluno construa o seu conhecimento, ao invés de só receber conceitos prontos. Nas salas fixas é o professor o protagonista. Os alunos ficam como se estivesse num cinema ou num teatro, procurando se situar no lugar em que possam ver e escutar quem representa o saber. A possibilidade de um salto qualitativo no ensino- aprendizagem na escola pública, através da prática de salas ambiente, é evidente. Na escola Alfa tivemos essa experiência com continuidades e descontinuidades.

5.2 - Salas ambiente na Escola Alfa: continuidades e descontinuidades.

Até o ano de 2010 as salas ambiente funcionavam regularmente na Escola Alfa. Foi assim por mais de uma década.⁵⁸ Após a aposentadoria de uma antiga professora, que dirigiu a escola por décadas, deu-se uma descontinuidade administrativa e em pouco menos de seis anos já passaram pela direção da escola três diretores. Nos últimos cinco anos a prática de salas ambiente tem sido interrompida periodicamente. Quando a existência de salas fixas se revela desastrosa com relação à disciplina e conservação do patrimônio público, por meio de reuniões do Conselho de Escola, traz-se de volta esse tipo de prática pedagógica.

Outras vezes, com argumentos pouco convincentes, é efetivado o seu fim pela direção da escola. Esses argumentos, sem nenhum embasamento científico, diziam que seria aumentado o número de inspetores de alunos na escola e ela funcionaria melhor, não necessitando de salas ambiente; que após as reformas das instalações escolares, haveria uma escola em melhores condições de trabalho e portanto não seriam necessárias salas ambiente; que todas as salas

⁵⁸ Não encontramos registros que datem exatamente o começo da prática de salas ambiente na Escola Alfa. Quando do meu ingresso como docente nessa escola, em 2004, elas já funcionavam há muito tempo.

de aula seriam salas digitais, o que dispensava a existência e salas ambiente; que com salas ambiente os alunos cabulam. O aumento de inspetores escolares não ocorreu, as salas digitais foram esquecidas depredações e erros na execução das obras de reforma pioraram as instalações escolares e os alunos cabulam como nunca o fizeram.



Figura 27- Escola Alfa em reforma. 2012. Foto do autor.

Em 2012, tivemos o primeiro semestre sem salas ambiente e o segundo com elas. Esse retorno ocorreu porque o Conselho Escolar decidiu pela volta das salas ambiente devido ao aumento muito rápido das depredações. Em 2013, uma grande reforma na escola interrompeu de vez a existência das salas ambiente sob o argumento de que não haveria espaço disponível para tal. A partir daí, elas foram definitivamente esquecidas, mesmo com o fim da reforma e tendo decisão do Conselho de Escola favorável ao seu retorno. Identificamos aqui uma incoerência na gestão escolar, ora se cumpre decisões do conselho escolar, ora não e nos chama a atenção quanto ao exercício democrático da gestão escolar. Isso demonstra uma incompreensão da necessidade de inovação das práticas pedagógicas, ou ainda e ao mesmo tempo, reflete um empirismo e uma imobilidade diante da realidade existente, presos à soluções

que fracassam , ou seja, a saída para "garantir" a ordem escolar é trancar, reprimir, expulsar, controlar, vigiar.

Além disso, faltam nas escolas Planos Políticos Pedagógicos consistentes e feitos com a participação democrática de alunos e professores. Também é notória, em muitas escolas, a falta de continuidade administrativa sendo que boa parte dos diretores são designados e não eleitos ou concursados. Para a maioria dos professores da Escola Alfa, a necessidade de salas ambiente é urgente. Um professora escreve:

A estrutura física pode ser um facilitador ao trabalho do professor na medida em que lhe garante preparar suas aulas e adequá-las a cada série que entrar na sala, portanto será sempre de grande valor uma estrutura física voltada às necessidades do grupo, o que permitira a conservação do patrimônio e menos depredação. Portanto essa estrutura tem que estar voltada para atender essas questões.

A sala ambiente permite antes de mais nada garantir ao aluno uma sala de aula pronta para recebê-lo, com material didático disponível e cuidado, o patrimônio preservado e maior disposição do professor, visto que ele se sente valorizado e respeitado pela gestão escolar, vê-se também menos agressão física e verbal por parte dos alunos.

Outro professor, preferiu fazer uma tabela de comparação entre salas fixas (tradicional) e salas ambiente da seguinte maneira:

Tabela 2 - Comparação entre sala fixa (tradicional) e sala ambiente (2012)

TRADICIONAL	AMBIENTE
MAIOR TEMPO DE ACOMODAÇÃO DISCIPLINAR	MENOR TEMPO DE ACOMODAÇÃO DISCIPLINAR
MAIOR TEMPO DE PREPARAÇÃO DA ABORDAGEM TEMÁTICA	MENOR TEMPO DA ABORDAGEM TEMÁTICA
DIFICULDADE DE MONITORAR A CONSERVAÇÃO FÍSICA DA SALA	VIABILIDADE DE MONITORAR EFETIVAMENTE A CONSERVAÇÃO FÍSICA DA SALA

Nas salas fixas, quando um professor de disciplina diferente chega, geralmente a sala está em desordem, suja, com lousa preenchida por um outro professor, há alunos que saem para o banheiro e demoram a voltar à sala. Perde-se muito tempo para que se inicie a aula. Nas salas ambiente, esse tempo de acomodação é menor, tendo em vista que o professor já a prepara para atender às estratégias pedagógicas daquela aula.

A abordagem temática nas salas ambiente é facilitada já que, quando se tem que usar a lousa, deixa-se desenhos, anotações, mapas já disponibilizados para todas as aulas, facilitando as aulas do professor. As aulas ficam mais interessantes. Não é necessário que o professor transporte material pedagógico de sala em sala. Também o professor deixa de ser um copiador de conteúdos na lousa e os alunos copiadores de texto, pois mesmo com a lousa cheia de texto, tem-se um tempo maior para o diálogo sobre o que se encontra na lousa.

Por outro lado, a existência de salas ambiente facilita a conservação dos equipamentos escolares pois professores podem monitorar essa conservação, por estarem o tempo todo em sala.

A implantação de salas ambiente nessa escola não teve continuidade temporal. A direção da escola, alegando que brevemente todas as salas seriam digitais, que se perderia muito tempo de aula em função dos deslocamentos dos alunos de uma sala a outra e que as salas ambiente facilitariam a cabulação de aulas, geralmente interrompia essa prática pedagógica. Ignorava-se que o tempo gasto pelos alunos para se deslocarem de uma sala a outra é ganho com a diminuição drástica de pedidos de ida ao banheiro. Além disso, na estruturação da grade horária, pode-se lançar mão de aulas "dobradinhas", ou seja, duas aulas seguidas de uma mesma disciplina. Até hoje, não existem salas digitais e a cabulação de aulas é grande com as salas fixas, tendo em vista que essa forma de estruturação pedagógica faz cair a qualidade das aulas como exemplificamos anteriormente. Alunos chegaram a dizer que aprendem muito mais cabulando aulas no pátio do que em muitas aulas. Sendo assim, trata-se de deixar as aulas mais atrativas e dinâmicas com as salas ambiente.

Argumentos aqui levantados, em favor das salas ambiente, infelizmente, não foram claramente respondidos pela direção dessa escola.

5.3 - Um pesquisa comparativa entre salas fixas e salas ambiente

Em 2012, a Escola Alfa teve salas fixas no primeiro semestre e salas ambiente no segundo semestre. Sabendo que os alunos daquele ano especificamente vivenciaram essas duas experiências diferenciadas, realizei uma pesquisa com eles também sobre isso. O objetivo dessa pesquisa era conhecer, a partir deles, como as salas ambiente e as salas fixas, comparativamente, impactavam o seu processo de aprendizagem.

Essa pesquisa, essencialmente qualitativa, foi realizada com 110 alunos de 7 turmas diferentes, compreendendo alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio e o nono ano do ensino fundamental. Todos esses alunos responderam por escrito a seguinte questão: "Na sua opinião, quais foram as principais diferenças que você observou entre a existência de salas fixas para os alunos e de salas ambiente na escola Alfa?"⁵⁹

As respostas dadas pelos alunos nessa pesquisa, mesmo que revelem opiniões impregnadas de empirismo, apontam caminhos e críticas intimamente ligadas a suas experiências na vida cotidiana em todos os sentidos. Sobre essa materialidade, existente na vida cotidiana, é que deveriam agir as políticas e práticas pedagógicas, baseadas também no diálogo e no entendimento, pois é muito difícil construir conhecimentos entre desconhecidos.

Eles foram orientados a opinar livremente, sendo facultativo se identificarem ou não na folha de respostas. Obtivemos como resposta: 63 alunos favoráveis claramente às salas ambiente; 28 alunos claramente favoráveis às salas fixas; 14 alunos relativizaram a existência dos dois tipos de sala e 05 alunos não optaram ou não defenderam nenhuma das duas.(vide Tabela 3)

⁵⁹ Também constavam perguntas no questionário sobre o curso de geografia.

Tabela 3 - Na sua opinião, quais foram as principais diferenças que você observou entre a existência de salas fixas para os alunos e de salas ambiente na escola Alfa?

Favoráveis a Salas ambiente	Favoráveis a Salas Fixas	Relativizaram a existência das duas	Nenhuma delas	Total
63	28	14	05	110
57,27 %	25,45%	12,72%	4,54%	100%

Essa pesquisa foi importante porque, geralmente, quando falamos em democratização do ensino muitas vezes esquecemos de praticar o mais elementar: a escuta da voz de quem é o nosso aluno. Alunos não estão congelados no tempo e no espaço. Muitas das queixas estudantis durante as recentes ocupações escolares eram de que não são ouvidos nas escolas. À medida que as gerações se sucedem, novas demandas de conhecimento, de sentimentos, de afetividades se manifestam. Novas gerações se revelam. É necessário que a escola seja também um escoadouro dessas novas demandas. Eles têm muito a dizer e só lhes restam geralmente grêmios estudantis mal estruturados, muitas vezes desvinculados da escola como um todo.

Entre aqueles que veem, na comparação das salas fixas com as salas ambiente, melhores aspectos nas salas ambiente encontramos a maioria dos alunos (63, 57% do total). Esses alunos destacaram, entre outros aspectos, que existem limitações pedagógicas das salas fixas e que nelas alunos podem se tornar uma espécie de reféns de outros pois é comum práticas de bullying quando professores não estão presentes em sala; que salas ambiente estimulam a auto organização e a socialização entre alunos; propiciam melhores condições ao aprendizado; combatem o tédio e animam pelo fato dos alunos se movimentarem entre uma sala e outra; cansam menos o professor;

fazem diminuir a ansiedade distensionando o confinamento do ambiente e também propicia melhores condições materiais para o ensino. Nas salas fixas, numa aula de 50 minutos por exemplo, que poderia estar sendo muito bem aproveitada com conteúdo, perde-se muito tempo para colocar a sala em ordem e criar condições para um melhor ensino-aprendizado, como explicamos anteriormente.

5.4 - Os alunos falam

Essa pesquisa foi feita com alunos porque, entre os professores dessa escola, é praticamente consensual a necessidade de salas ambiente, como verifiquei diversas vezes em diálogos e votações realizadas no Conselho Escolar.

Vejamos então, como foi a prática de salas ambiente na Escola Alfa e como os alunos opinaram e fizeram considerações diversas sobre elas:

5.4.1 - As limitações pedagógicas das salas fixas e salas ambiente como instrumento para um melhor ensino-aprendizado

Um aluno declara que o sistema de salas ambiente é o que diferencia a Escola Alfa das demais escolas públicas, que ainda adotam como modelo o sistema de salas fixas. Segundo ele o grande problema das salas fixas é a limitação que ela traz, torna-se um ciclo vicioso: o aluno dorme; o professor não pode levar consigo muitos dos materiais necessários para um bom aproveitamento em aula; no período de troca entre um professor e outro, os alunos ficam sem supervisão durante aproximadamente cinco minutos, tempo mais que suficiente para se deprender as instalações escolares, etc. " Diferentemente da sala fixa, a sala ambiente traz mais mobilidade para alunos e professores, permitindo-os a fazer coisas que lhes eram restringidas no outro sistema.", diz um aluno. Isso explicita o fato de que nas salas ambiente temos maiores possibilidades de usar mais e melhores recursos didáticos por não sermos obrigados a transportá-los de uma sala a outra. Outro aluno ressalta: " Na minha opinião, foi uma grande transformação as salas ambiente terem voltado pois eu acho que aprendemos mais. Os professores podem arrumar as salas de acordo com o conteúdo que vão passar para cada sala e as aulas acabam se desenvolvendo

melhor, sem falar a limpeza e organização das salas. Uma maravilha as salas ambiente terem voltado."⁶⁰ Lembrando que na Escola Alfa, a adoção de salas ambiente se tornou inconstante nos últimos anos, como destacamos anteriormente.

Sobre as salas fixas, o professor Venilto Rocha de Oliveira ⁶¹, escreve:

Se a sala for um ambiente fixo dos alunos, e não do professor e de sua área ou disciplina que leciona, depara-se novamente com a mesma situação: prega-se o aluno no chão da sala, no mesmo lugar durante 5 ou 6 horas seguidas num ambiente que não será jamais formatado ao gosto de todos. Tenta-se então adaptar todo o resto em função desse fato. Os professores darão sempre o mesmo tipo de aula, pobre, desconfortável e por fim ineficiente, pois se permite que uma situação física mande numa ação. Cada professor que entrar ali estará preso na mesma armadilha. Não age o professor, não agem os alunos, não age o grupo e não age a escola – enfim não há ação das pessoas sobre o espaço, mas sim, do espaço sobre as pessoas.

As salas fixas dificultam a apropriação do espaço por parte de alunos e professores por estar limitado à uma forma de estruturação física. Este não se modifica de acordo com a necessidade do grupo. É mais desconfortável e ineficiente. É como se professores e alunos ficassem presos a uma armadilha.

A existência de sala fixa para os alunos além de, na maioria da vezes, limitar as aulas a giz e lousa, dada a impossibilidade de deslocamento do professor com material didático, permite a alguns alunos depredarem o ambiente escolar. Sabe-se que, quando um só aluno resolve não querer aulas, mesmo quando a grande maioria de uma determinada classe deseja exercer seu direito ao aprendizado, ou seja, fazer lições e tirar dúvidas, esse mesmo aluno pode os impedir. Geralmente, alunos que têm esse comportamento costumam depredar o patrimônio público e intimidar colegas nas escolas públicas. É a rebeldia adolescente que parece não encontrar limites e que ao mesmo tempo sinaliza um descontentamento com o estado geral das coisas na escola. É claro que as

⁶⁰ Essa descontinuidade da prática de salas ambiente será analisada no próximo período de estudos.

⁶¹ <http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html>, acessado em 01/08/2016.

salas ambiente não seriam um espécie de elixir para a solução dessa ansiedade adolescente mas contribuiriam em muito para a criação de um ambiente mais agradável para o ensino-aprendizado, o que possibilitaria uma maior satisfação aos alunos. .

As recentes ocupações das escolas paulistas demonstraram o tamanho do descontentamento dos alunos em relação à escola. Não temos escolas acolhedoras e as causas disso vão desde cadeiras, lousas, portas e janelas quebradas até a falta de ventiladores e iluminação, por exemplo. Chama a atenção a centralidade que as reivindicações por melhores instalações nas escolas ganharam no recente movimento secundarista, revelando assim a sua importância. Também revelaram profundo afeto pelo espaço escolar, por, em suas ações, arrumarem bibliotecas, banheiros, instalações elétricas das mesmas, etc. A execução de propostas pedagógicas requer instalações físicas adequadas para a sua realização. Nesse sentido, a ausência de um professor permanentemente em sala de aula dificulta a preservação desse patrimônio escolar. É claro que agir no sentido de conscientizar os alunos sobre a necessidade de preservação de um patrimônio que também é seu é o melhor e mais consistente caminho. Muitos alunos não enxergam os equipamentos escolares como seus. Essa resistência por parte de alguns alunos ocorre também devido à heterogeneidade cultural dos alunos na rede pública, revelando assim diversas concepções quanto ao espaço escolar.

Segundo um aluno, ainda apontando as particularidades das salas fixas e salas ambiente, " As diferenças foram muitas e melhores na mudança de salas fixas para as salas ambiente. No período de salas fixas os alunos que não possuíam educação acabavam quebrando e danificando bens de sua sala e os professores tinham dificuldade de mover materiais usados em sala de aula de uma sala para outra. Já nas salas ambiente a sala passa a ser do professor e não do aluno, assim possuindo seus próprios bens e materiais necessários para as aulas. As destruições de vidros, cadeiras, etc, diminuíram e acabou melhorando o ensino." Apesar da percepção de alguns alunos de que a sala ambiente é do professor e não do aluno, a especialização pedagógica desse tipo de sala supera essa impressão, à medida em que ambos se apropriam do

seu espaço. Vivemos na Escola Alfa uma experiência de salas ambiente em que percebemos, alunos e professores, claramente, uma significativa diminuição da depredação do patrimônio público escolar, pois professores e alunos se transformariam, não em vigias, mas em monitores da conservação dos equipamentos escolares.

Partimos do pressuposto que o ambiente menos depredado, mais organizado e limpo favorece o aprendizado. A quem pertence o patrimônio público escolar? Ao aluno? Ao professor? Ou a ambos? Ou à sociedade como um todo? Entender a quem pertence e de onde vêm os seus recursos é um caminho necessário para a sua preservação. Nesse sentido, a Escola pertence à sociedade como um todo pois a ela deve a sua construção e a sua razão de ser. Na escola, é possível, pedagogicamente, desenvolver o conceito de espaço público criando uma consciência da necessidade do uso e da conservação dos equipamentos públicos. É difícil conservar e defender o que não se conhece e para tomar-se consciência disso pode ser necessário a adoção de salas ambiente.

Outro aluno escreve: "O ensino, ao meu ver, melhorou com as salas ambiente, não apenas porque depredação das salas acabaram mas porque desse modo os professores têm mais controle sobre as salas. Muitos professores não conseguem controlar as salas, porque não gostam de dar aulas. O aluno percebe isso e começa a bagunçar na sala. Um exemplo é o professor Y. Todo mundo percebe o quanto ele gosta de dar aulas e respeita ele, e ele é o professor mais rigoroso que nós temos, além disso, os alunos gostam da aula dele". Percebe-se aí, o ideário ainda predominante em vastos setores da nossa sociedade, de que é necessário vigiar e punir, além do paternalismo.

No atual momento da educação no Brasil em que se têm péssimas condições de trabalho, as salas ambiente contribuem para uma melhoria das aulas até daqueles professores, que segundo esse aluno, não gostam de dar aulas. Os alunos percebem o desencanto de professores com a arte do lecionar e esse desencanto é compreensível tendo em vista o lugar que os projetos neoliberais colocam a educação pública. A existência de salas ambiente pode servir

também como estímulo aos professores, já cansados das péssimas condições de trabalho e da inexistência de salas equipadas para o exercício de ações pedagógicas. Isso contribuiu em muito para a diminuição do stress de professores além de possibilitar maior interação com os alunos.

Outro aluno comenta: "Na sala ambiente quando o professor passar uma matéria na lousa e vai passar o mesmo para outra turma não precisará se dar ao trabalho de passar a mesma matéria de novo." Isso torna a atividade docente menos repetitiva, diminuindo o stress e as doenças profissionais tão comuns na categoria. Percebe-se, nesse depoimento, o interesse do aluno em ter professores motivados a ensinar, colocando-os como centrais no processo de aprendizado.

Parece claro que um ambiente mais organizado, com a ampliação das possibilidades de diversos usos de materiais didáticos cansa menos o professor. São gigantescos os números de professores que se afastam do trabalho para tratamentos médicos em função de stress, cansaço e esgotamento nervoso. Por outro lado, a mídia em geral culpa-os pelo baixo nível de ensino devido a faltas constantes ao trabalho. E as autoridades oficiais, para escaparem da pressão da mídia e da opinião pública, apressam-se a dizer que as aulas estão sempre garantidas, quando ocorre algo violento no cotidiano escolar. Pouco se discute sobre as condições de trabalho e que medidas são necessárias para melhorar essa situação.

5.4.2 - Salas ambiente favorecem o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos e facilitam a construção de relações mais solidárias entre eles.

Escreve um aluno: "Nas salas fixas o desconforto é maior. Ficar na mesma sala, os alunos não têm liberdade e nesse desconforto os alunos "vagabundos" querem quebrar a sala para mostrar que é o tal. Já nas salas ambiente os alunos têm que andar, respirar mais e não é desconfortável ir de sala em sala". Esses alunos "vagabundos", como todos nós, trazem valores construídos socialmente que vão além da existência de salas ambiente ou não. Portanto a

existência de salas ambiente poderá facilitar a reflexão desses alunos, uma vez que o ambiente escolar pode se apresentar como mais atrativo e estimulante.

O fato de que, nas salas ambiente, os alunos tenham que se deslocar de uma sala à outra, facilita o relaxamento corporal, uma possível passagem rápida no banheiro, um rápido encontro com colegas nos corredores, descomprimindo o corpo e a mente para estudos seguintes, na próxima sala. É evidente que isso facilita o aprendizado da disciplina seguinte.

Um dos problemas mais evidentes nas comunidades humanas contemporâneas tem sido a dificuldade de convivência com o diferente de si. Não tem sido diferente nas escolas principalmente onde se encontra adolescentes à procura da criação de suas próprias identidades. Reconhecer a riqueza da diversidade humana é uma das possibilidades potenciais que as escolas públicas oferecem. Nesse sentido o encontro com essas diferenças é fundamental e esse encontro é favorecido pela existência de salas ambiente.



Figura 28 - Sala sem porta e suja durante vigência das salas fixas. Foto do autor. 2014.

A existência de salas ambiente estimula a sociabilidade entre estudantes. Cria laços de pertencimento ao lugar, ou seja, colabora para relações amistosas dentro da comunidade. Segundo declaração de um aluno "Na sala fixa era ruim pois não tínhamos a opção de conhecer as salas da escola e nas salas ambiente você sai, familiariza-se com outras pessoas, etc." A democratização do espaço escolar, na prática também deve ser vivencial, ou seja, o corpo deve apropriar-se de todos os espaços possíveis daquele espaço geográfico: quadras, bibliotecas, refeitórios, pátios, cantinas e porque não também de diversas salas diferenciadas? Nas salas fixas essa apropriação espacial é mais difícil, uma vez que o aluno geralmente fica restrito a um mesmo lugar na escola, à sua própria sala, muitas vezes desconhecendo outros lugares escolares.

5.4.3 - Salas ambiente estimulam a auto organização

Um aluno escreve: " A principal diferença foi da responsabilidade que tive em saber que sala entrar, saber o horário...". Ao selecionar, em casa, o material necessário para cada aula e já na escola, selecionar o percurso geográfico que fará para cada aula, coloca-se ao aluno a necessidade de se organizar espacialmente para cada atividade escolar. Assim, ele adquire mentalmente a noção do todo escolar, dos diferentes lugares do aprender. Nas salas fixas, existe uma certa indiferença com relação a qual o próximo professor que lecionará e muitos procuram se "esconder" nos fundos das salas, ora dormindo, ora usando aparelhos eletrônicos. Não precisa se mover. Adapta-se à imobilidade da sala.

Além de estimular o movimento e o pensamento, salas ambiente estimulam a auto organização do aluno, o que auxilia na sua formação para o futuro, enquanto cidadão. Fazer-se, solucionar problemas, enfrentar desafios: eis aí alguns pequenos desafios cotidianos que educam e estimulam a auto organização.

5.4.4 - Salas ambiente combatem o tédio, animam, diminuem a ansiedade ao distensionar um ambiente confinado, melhorando assim o espaço escolar

Um aluno escreve: "Se as salas são ambiente, os alunos irão gastar mais energia de uma sala para outra, ao invés do professor, assim o professor terá mais disposição para aplicar seus conteúdos aos alunos. Também é importante que o aluno fique em dúvida para qual sala ele deve ir, pelo menos antes de sair de casa ele irá olhar o caderno para ver qual sala vai ser executada a aula dele. Nas salas fixas, é possível também que o aluno fique fadigado em passar tanto tempo sentado em uma mesma sala." Essa fadiga faz com que muitos alunos durmam ou se distraiam com conversas, jogos ou provocação com os colegas. Essas energias potenciais podem ser usadas no movimento de uma sala à outra, pelos corredores ou em rápidas idas ao banheiro entre uma aula e outra. Esse depoimento é reforçado pelo depoimento de um outro aluno: "A principal diferença entre as salas fixas e ambiente é que nós alunos podemos arejar um pouco a cabeça nesse lapso de tempo de mudar de sala. Nas salas fixas não podíamos andar pela escola pois só saímos da sala no intervalo e na hora da saída. A sala ambiente é muito melhor pois os professores têm a sua disposição material para ser utilizado pelos alunos então assim podemos aprender mais e nossas aulas tem um rendimento melhor; e os alunos se sentem mais a vontade e ficam menos tensos durante a aula seguinte pois puderam conversar enquanto trocavam de sala. Outro motivo é que as salas fixas haviam mais vidros quebrados e a sala estava sempre em desordem. Já na sala ambiente nenhum aluno quebra vidro. A sala sempre está limpa e arrumada." Além da maior mobilidade que desestressa, esse aluno ressalta o que já analisamos quanto à maior oferta de materiais pedagógicos e equipamentos escolares mais preservados em salas ambiente.

E mais à frente outro conclui: " Na minha opinião as salas ambiente são bem melhores além de matar um pouco o tédio dos alunos, que antes tinham que ficar seis aulas sentados da mesma maneira. Faz com que andem um pouco (isso ajuda muito)...Enfim as pessoas conseguem se comunicar no corredor na troca de aulas e mesmo que seja só por um minuto dá um ânimo novo para

estudar." Interessante como os alunos ressaltam essa questão da mobilidade e do tédio proporcionado pelas salas fixas. Nesse sentido outro escreve: " Gosto da escola com salas ambiente porque sempre é mais gostoso, a gente se locomove pelo menos. No primeiro bimestre ficar sentada o tempo inteiro na sala era insuportável. Ficar o tempo todo lá e não poder ir ao banheiro nem ao menos tomar um ar no pátio ou ver quem conhecemos. Com as salas ambiente é bem mais agradável. Sair de uma sala para outra descansa a mente por 30 segundos para ver outro professor. Isso acalma um pouco a tensão de várias coisas na cabeça."

Novamente outro aluno argumenta corroborando os depoimentos anteriores :
"Bem eu prefiro as salas ambiente pois você pode andar um pouco ao término das aulas. A sala fixa é ruim, pois você só fica sentado, não pode esticar as pernas e sempre fica na mesma sala." e "Para mim as salas ambiente melhoraram o ensino, porque os alunos movimentam-se melhorando a disposição" e também "A sala fixa era chata, pois os alunos tinham que ficar sentados na mesma posição durante horas e isso deixava todos os alunos cansados. Já na sala ambiente os alunos não ficam cansados como ficava na sala fixa." Por sua vez um outro aluno escreve: "Uma das vantagens que eu observei nesta mudança, é que o aluno não fica preso direto em uma sala de aula, sendo que é vantajoso ficar mudando pois tem sala que tem condições desfavoráveis para o ensino, como pro exemplo salas que são bem abafadas e os ventiladores não funcionam (exemplo sala 51). Sendo assim, se dá uma condição melhor para o ensino." e " Nas salas fixas eu dormia bastante..." Não se dá muita importância à questão do corpo nas políticas públicas escolares. Essa questão, nas escolas, geralmente fica restrita às aulas de educação física. Parece que o corpo do aluno é concebido como algo vazio, desprovido de necessidades e também como um espaço vazio onde se pode depositar conhecimentos escolares das mais diferentes disciplinas. A importância da mobilidade corporal nas escolas como estratégia para um melhor ensino aprendido, sentida nos depoimentos acima, será analisada e desenvolvida no próximo capítulo.

Além de estimular a auto organização dos alunos, salas ambiente possibilitam a diminuição da ansiedade juvenil na medida em que faz movimentar corpos. Isso promove o relaxamento corporal, pois o "encarceramento" de corpos juvenis durante aproximadamente seis horas por dia numa mesma sala, geralmente num mesmo lugar é quase uma ato de humilhação deles. Seria isso um exercício para a resignação social e aceitação do poder da ordem? Com corpos menos fustigados pode-se concluir que o tempo usado em sala de aula pode ser melhor aproveitado.

Corroborando essas observações colhi o depoimento de uma ex-aluna da Escola Alfa, que por ora conclui o curso de geografia na Universidade de São Paulo. Ela escreve:

Fui aluna da Escola Alfa nos anos de 2009 e 2010, mas, antes disso, estudei em outra escola estadual cuja configuração das salas de aula era fixa, ou seja, eram designadas às turmas e não aos professores ou disciplinas.

Lembro ainda da confusão que foi para mim o início das aulas na nova escola (Escola Alfa), uma vez que eu não tinha qualquer conhecimento sobre o funcionamento de salas ambiente, pois na escola anterior esperávamos pela chegada do professor da disciplina seguinte com muita conversa e, em muitas situações, muita indisciplina. Contudo, a adaptação à configuração de salas ambiente foi excelente e eu adorava poder sair da sala, sair do meu lugar – um alívio de pressão, em todos os sentidos – e ir para a sala da disciplina seguinte. Neste momento de troca de aulas eu sentia uma sensação de liberdade que não acontecia quando eram os professores quem trocavam de sala e nós, eu e meus colegas, tínhamos que esperar pelo professor seguinte.

Este momento da troca de aula era essencial, pois podíamos andar, conversar, ir ao banheiro, beber água, observar novos ambientes etc. dentro do período estipulado para essa troca de sala. Esse mecanismo aumentava a concentração dos alunos durante as aulas, uma vez que diminui a frequência de alunos entrando e saindo da aula para ir ao banheiro e/ou beber água e, também, havia um entendimento, ainda que inconsciente, de que todas as regras de comportamento em aula, que de certa forma não são válidas para outros ambientes da escola, duravam 50 minutos, ou seja, a

cada fim de aula teríamos um tempo para “extravasarmos”.

Além dos benefícios aos alunos, as salas ambiente são claramente ambientes muito mais propícios ao trabalho do professorado, já que em uma sala ambiente de Geografia, por exemplo, podem ser guardados os materiais necessários ao ensino da disciplina, como mapas, globos e os livros didáticos específicos da disciplina, evitando que alunos e professores tenham que se locomover com uma quantidade imensa de materiais que, por vezes, se inviabiliza, tornando a qualidade da aula potencialmente mais baixa.

Também compara e relata a sua experiência em uma escola privada, cuja estrutura pedagógica garante a existência de sala ambiente:

Trabalhando em uma escola privada do município de São Paulo, localizada em bairro nobre da cidade, pude experimentar a sala ambiente numa perspectiva que não a de aluna nem a de professor(a), mas de assistente de classe, cujo trabalho se circunscreve no campo da mediação entre os protagonistas da sala de aula – professores e alunos. Esse trabalho permitiu aprofundar minha opinião **positiva** com relação à organização em salas ambientes, uma vez que, dentre as atividades estipuladas ao meu trabalho, manter o ambiente como *sala de geografia* era uma das minhas funções. Sendo assim, a sala de Geografia tinha mapas, globos, e murais com trabalho de geografia e com materiais selecionados pelos(as) professores(as) relativos ao conteúdo que vinha sendo estudado durante os bimestres. Cada professor(a) também tinha um gaveteiro para guardar o material de uso pessoal e provas, estantes para colocar os materiais que sobravam e que os alunos faltantes poderiam retirar na aula seguinte, retroprojeter e computador para trabalhar com apresentações e vídeos, dentre outras atividades, etc.. Toda a sala era planejada e configurada aos moldes das necessidades dos educadores e educandos em Geografia, suprimindo, desta forma, as necessidades pelo menos mais imediatas ao ensino da disciplina.

Desta forma, acredito que as vantagens da configuração escolar em salas ambientes são inúmeras, sobretudo na construção de um espaço escolar mais dinâmico e mais proveitoso ao uso de todos, considerando as necessidades que dizem respeito ao trabalho dos professores, à manutenção dos espaços pelos funcionários da escola e à intensa inquietude dos alunos que tem interferência direta na concentração e, por

consequência, na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo destes. Devemos, portanto, acrescentar à discussão dos espaços escolares a importância das salas ambiente, colocando em pauta o debate acerca dos benefícios de uma medida simples de organização escolar que é pouco implementada nas escolas públicas do estado São Paulo. O que será que tem impedido a comunidade escolar de decidir a organização dos espaços usados por eles próprios? Não cabe, também, a eles a discussão sobre como devem ser melhores aproveitados os espaços da escola?

Esse depoimento constata o que até aqui tentamos demonstrar, ou seja, a existência de salas ambiente se apresenta como possibilidade de distensão em espaços escolares confinados, possibilitando uma ampliação dos horizontes de aprendizado enquanto o corpo discente pode apropriar-se mais amplamente do ambiente escolar como um todo.

É evidente que a existência de salas ambiente possibilita melhores condições materiais para o ensino. Outro aluno compara salas fixas com salas ambiente: "Na minha opinião sempre preferi salas ambiente porque estudo aqui desde a quinta série e sempre foi assim: salas ambiente. Aí veio a sala fixa que para mim não foi aprovada porque muitas pessoas pensaram que tinha o direito de quebrar "tudo". Quebraram vidros, derrubavam cadeiras no chão, jogavam para o alto cadeiras e principalmente brigavam muito quando o professor se retirava da sala...mas felizmente ficou muito melhor e agradeço aos professores que "brigaram" muito para estabelecer a sala ambiente. Obrigado!"

Interessante como esse depoimento compara duas realidades espaciais, com temporalidades distintas, localizando nelas ações de agentes transformadores. Nesse caso, a transformação da Escola no sentido de atender as necessidades de sua comunidade ocorre na medida em que se abrem canais de manifestação e participação democrática. Assim, cria-se uma corresponsabilidade de todos com os destinos e as metas traçadas para um melhor ensino-aprendizagem.

5.4.5 - Salas ambiente facilitam a "cabulação" de aulas?

Um dos principais argumentos das direções escolares usado contra a implementação de salas ambiente é o de que, com elas, alunos cabulam mais. Ora, o que verificamos é que com uma ou outra forma de organização escolar os alunos cabulam. Entre membros das direções escolares, como na Escola Alfa, existe a concepção que escola boa é aquela em que o aluno está permanentemente em sala de aula, ou sejam enclausurado. Isso na verdade, devido às péssimas instalações escolares, causa uma aversão à sala de aula. A sala de aula deveria ser um espaço de acolhimento e não de repulsão dos alunos. Durante as recentes ocupações das escolas diversos artistas gravaram um clipe de uma música em apoio ao movimento estudantil em que negam a sala de aula enquanto jaula e a afirmam como espaço de ensino-aprendizado. Vejamos parte da letra de "O trono do estudar"⁶² (Anexo 6): "Ninguém tira do trono do estudar. Ninguém é dono do que a vida dá. E nem me colocando numa jaula porque sala de aula essa sala vai virar." Esse trecho lembra que alunos são tratados como animais em jaulas e que nem isso pode conter a força da criação que o conhecimento pode dar.

Um outro aluno relata: "No primeiro semestre era muito mais bagunça, no intervalo da troca de professores os alunos quebravam mesas, cadeiras, janelas entre outros e as salas eram sujas e desorganizadas, mesas e cadeiras bagunçadas. Já no segundo semestre melhorou devido a permanência dos professores em sala, porém as pessoas estão cabulando mais aulas, um dica seria colocar mais inspetores nos corredores." De novo, percebemos no depoimento desse outro aluno a necessidade de vigiar e punir, socialmente difundida pelos meios de comunicação.

"Cabular" aulas, geralmente revela uma ação estudantil que mostra o divórcio entre as expectativas pessoais dos alunos e o que a escola oferece. Somente uma escola motivadora, dinâmica, participativa pode minorar essa ocorrência.

⁶² <http://www.vagalume.com.br/dani-black/o-trono-do-estudar.html>, acessado em 23/10/2015.

O número de alunos que cabulam durante a vigência de salas fixas e o das salas ambiente são próximos. Cabe ressaltar aqui que o crescimento de contratos precários de muitas funções na escola pública, dentre eles o de inspetores de alunos, tem estimulado o descompromisso de muitos desses com o bom funcionamento da Escola. Além disso, a política de arrocho salarial do governo estadual para com os trabalhadores da educação colabora para esse estado de descompromisso para com a escola pública. Esse descaso com a educação pública também tem como consequência o desapego de muitos estudantes para com a escola provocando "cabulação" e alta evasão escolar. De certa maneira isso acaba contribuindo para as políticas neoliberais para a educação uma vez que provoca o fechamento de salas, a diminuição do número de professores e portanto, um menor investimento em educação.

5.4.6 - Em salas, o encontro de indispostos: alunos e professores. Salas ambiente podem diminuir a evasão escolar desses dois lados.

Um aluno escreve: "Eu particularmente durmo em algumas aulas, mas isso eu tenho como explicar, faz parte do meu pessoal, ultimamente venho sentindo vontade de sair da escola e ir para outra." E outro também diz: "Hoje, no segundo semestre tá até mais tranquilo, voltou a sala ambiente, começaram a colocar música no intervalo e isso é legal mas as aulas ainda continuam chatas e os alunos começaram a cabular mais. Quando estamos em sala de aula não dá vontade de estudar e o professor percebe isso e parece que ele perde a vontade de ensinar e isso faz com que muitos alunos e professores comecem a faltar." Mesmo com a existência de salas ambiente, as aulas podem continuar chatas, desestimulantes. Elas se apresentam como possibilidades pedagógicas de melhor ensino-aprendizado e não como norma redentora. A crise por que passa a escola pública, exige outro projeto de escola, distante dos interesses do mercado, mais humanitária e mais associada à comunidade a que pertence.

A escola está se transformando num encontro de descontentes e insatisfeitos e na sala de aula é onde esse inconformismo se manifesta. Às vezes, parece um ringue no qual se encontram alunos e professores. Contribui para isso, o

achatamento salarial dos professores que é constante e as condições de trabalho cada dia piores. Segundo MONBEIG (1945):

A medida mais eficaz que poderia ser tentada para contribuir na melhoria do ensino secundário da geografia (e de todas as outras disciplinas do curso secundário) seria sem dúvida a limitação a uma quinzena de horas por semana do horário dos professores, a interdição de qualquer outra atividade e uma retribuição bastante elevada para garantir a renda indispensável à segurança material e à atividade intelectual.

Isso dito há mais 60 anos atrás demonstra que os problemas no ensino público persistem tais como a extensa jornada de trabalho e a ausência de tempo para se dedicar à preparação e à correção de atividades escolares. Isso tudo somado à persistente desvalorização salarial dos professores. O descontentamento assim, é inevitável.

Cria-se nas escolas, um círculo vicioso em que o aluno busca ações imediatistas que compensem o tédio escolar e o tédio na vida, em que o passado é velho e o futuro é agora. Parece que tudo é para já. O tempo parece voar. Essa velocidade do tempo na sociedade moderna parece exigir outra escola, uma vez que essa que se apresenta não serve mais. A juventude tem pressa e isso desperta ansiedades e frustrações. Isso vai ao encontro do que afirma MASSEY (2000:177):

Vivemos em uma época - costuma se dizer - em que as coisas estão se acelerando e se disseminando. O capital está passando por uma nova fase de internacionalização, especialmente em termos financeiros. Mas pessoas viajam com mais frequência e para lugares mais distantes. Suas roupas são provavelmente feitas numa variedade de países que vão da América Latina ao sudeste asiático. Seus jantares consistem de comida importada do mundo inteiro. E, se têm computador em seu escritório, em vez de abrir uma carta que, sob os cuidados dos correios de Sua Majestade, leva alguns dias para atravessar o país, agora são interrompidas pelo e *mail*.

Por outro lado, nesse tempo acelerado, cheio de transformações também na educação, muitos professores não veem sentido no que fazem, talvez fruto da precarização do trabalho e da desmoralização da profissão, executadas

sistematicamente por diversos governos nas últimas décadas. Isto faz com que muitos professores acabem "demonizando" os alunos. Faz-se necessário dar um novo sentido ao mundo escolar e a adoção de salas ambiente pode contribuir com isso humanizando relações, despertando o gosto pelo aprendizado, possibilitando melhores condições de trabalho aos professores e proporcionando um ambiente mais agradável a todos.

5.4.7 - O aluno pode transportar um menor número de materiais didáticos.

Um aluno escreve: "Na sala ambiente o professor pode deixar nossos trabalhos sem preocupação de haver destruição ou vandalismo e também podemos deixar nossos livros. Essa é a diferença que notei, porque quando era sala fixa era muito material na bolsa."

Autoridades públicas educacionais municipais, estaduais ou federais geralmente distribuem aos alunos livros, cadernos e apostilas. Pelas mídias, vimos que muitos desses materiais são atirados no lixo ou não são distribuídos aos alunos. Um elogio ao desperdício.⁶³ Com aproximadamente seis aulas por dia é penoso ao aluno transportar de sua casa até a escola esse material em virtude do peso, que pode afetar a sua coluna vertebral. Dada essa situação, muitos alunos preferem não trazer esse material para a sala de aula e esse material fica esquecido em suas casas. É muito comum os xingamentos e resmungos quando esse material lhes é entregue. Nas salas ambiente esse material poderia estar no acervo de uma pequena biblioteca.

Quando da vigência das salas ambiente na Escola Alfa o ensino-aprendizado foi potencializado. Nas aulas de química era possível fazer experimentos; nas aulas de biologia podia-se dissecar pequenos animais e observar seres microscópicos; professores de matemática podiam ensinar a jogar xadrez e organizar pequenos campeonatos; nas aulas de Língua Portuguesa era sempre

⁶³ <http://www.jornalcidade.net/rio-claro/destaque-foto/apostilas-sao-descartadas-na-fausto-santomauro/> acessado em 20/09/2016.

<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/04/apostilas-novas-sao-jogadas-em-canavial-na-regiao-de-piracicaba.html>, acessado em 20/09/2016.

possível desenvolver a leitura tendo em vista que as salas possuíam pequenos acervos literários; nas paredes das salas de história e geografia haviam exposições permanentes de atividades produzidas pelos alunos e nas salas de artes era possível ensaiar atividades teatrais e organizar saraus para a apresentação na escola.

Nas aulas de geografia fazia-se uso frequente de recursos audiovisuais. Por exemplo: ao estudar as periferias urbanas os alunos podiam comparar, através de filmes e documentários, as semelhanças e diferenças entre as periferias do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Os conflitos étnico-raciais e religiosos eram mostrados através do cinema. Nas aulas de mineralogia os alunos podiam observar, na prática, as principais diferenças entre rochas e suas principais características.

Difícilmente essas atividades poderiam ser desenvolvidas em salas fixas pois elas exigem recursos pedagógicos que são praticamente impossíveis de serem transportados de uma sala a outra pelos professores.

Como estratégia de ensino-aprendizagem, as salas ambiente aliviam o corpo e a mente num ambiente de confinamento, favorecendo o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos, facilitam a construção de relações mais solidárias entre estudantes, possibilitam aos alunos transportar de casa à escola um menor número de material escolar e podem contribuir para a diminuição da evasão escolar.

No próximo capítulo aprofundaremos nosso estudo sobre salas ambiente e motricidade discente.